

Tudo indica que, para o próximo ano, o governo mais uma vez subestimou as contas da programação externa: as estimativas contidas no programa de ajustamento externo para 1984, submetidas aos banqueiros credores e ao FMI, estão baseadas numa duvidosa estabilidade das taxas internacionais de juros.

Como mais de 80% da dívida externa brasileira está sujeita a taxas flexíveis de juros, uma alteração da Libor (taxa básica de Londres) ou prime rate (taxa preferencial nos EUA) em um ponto percentual, por exemplo, implica num pagamento adicional de juros de US\$ 700 milhões por ano. Se isso acontecer em 84, as autoridades brasileiras recorrerão de novo à comunidade financeira com o chapéu na mão, em busca de recursos novos para fechar o balanço de pagamentos.

O programa de ajuste externo para 84 tem como ponto fundamental a redução do déficit em transações correntes para US\$ 6 bilhões as custas de um saldo comercial de US\$ 9 bilhões. Esse ajuste, preparado pela Secretaria do Planejamento e pelo Ministério da Fazenda às condições do mercado financeiro internacional, "impõe a necessidade" de redução de déficit em transações correntes do nível de US\$ 14,7 bilhões, em 1982, para US\$ 7,7 bilhões em 83 e US\$ 6 bilhões em 1984. Como percentual do PIB, o déficit será reduzido de 4,5% em 1982 para 2,3% em 1983 e 1,7% em 84.

A redução prevista do déficit global em transações correntes, reitera o programa, depende dos níveis das taxas internacionais de juros que, espera o governo, não se elevarão em 84. Além disso, a consecução das metas do programa de ajuste está sujeita a uma série de hipóteses levantadas pelo governo.

Balança comercial

Essas reduções no déficit em transações correntes deverão ser obtidas à custa de saldos na balança comercial. O superávit de US\$ 9 bilhões projetado para 1984 resulta do crescimento das exportações em 12,1% em relação a este ano — de US\$ 22,3 bilhões para US\$ 25 bilhões — e de manutenção das importações em US\$ 16 bilhões, com queda na compra de petróleo.

As projeções do governo sobre as exportações em 84 são estas: A) Em consequência da elevação dos volumes e preços internacionais, as exportações de produtos primários poderão elevar-se em 13,3% em 1984. Estima-se que as exportações de café aumentem 5,5% e as vendas de soja e derivados 26,1%, como resultado do crescimento da safra brasileira e da tendência de elevação dos preços internacionais, por causa da quebra da safra norte-americana este ano; B) O crescimento projetado das exportações de produtos industrializados é de 8,3%, "compatível com a elevação do comércio mundial". As exportações de produtos siderúrgicos (US\$ 2 bilhões em 83 contra US\$ 1,1 bilhão em 82) terão especial importância, segundo o programa de ajuste.

O governo quer exportar a qualquer custo, para produzir dólares e pagar a conta de juros aos banqueiros internacionais. O ministro Ernane Galvão e o diretor da Cacex, Carlos Viacava, frisam que "a liberdade de comércio é isso mesmo, exportar o quanto puder e comprar se for necessário, mesmo a preço maior". Essa política já causou divergências entre o governo: para este ano, a Secretaria de Abastecimento e Preços estimou que a exportação de óleo de soja não poderia ultrapassar as 850 mil toneladas. A Cacex vendeu 950 mil toneladas, que resultou na falta do produto no mercado interno; agora, para normalizar o abastecimento, o governo autorizou a importação de óleo de soja.

Quanto às importações, o governo quer mantê-las em US\$ 16 bilhões, contra os US\$ 19,4 bilhões gastos em 1982. Para minimizar o impacto da contenção das importações sobre a atividade econômica interna o governo garante que "serão enviados esforços com vistas à redução do consumo de petróleo e derivados, aceleração do ritmo de extração de pe-

O que é preciso para nossas contas melhorarem

O Brasil só cumprirá a promessa ao FMI de reduzir o déficit no balanço de pagamentos se derem certo as otimistas previsões do governo: os juros não subirão e o País conseguirá preços melhores por suas exportações. Por Assis Moreira, da Sucursal de Brasília.

tróleo da plataforma continental e utilização de fontes alternativas de energia".

Para a consecução dessas metas, o governo destaca dois fatores importantes: a) crescimento da produção nacional de petróleo de uma média de 340 mil barris/dia, em 1983, para 422 mil barris/dia em 84, com crescimento de 24,1%; b) estabilidade dos preços internacionais e redução da quantidade importada de petróleo.

O governo espera que as importações de óleo cru declinem de 740 mil barris/dia em 1983 para 639 mil barris/dia em 84. Assim, as despesas de importação de petróleo cairiam de US\$ 7,752 bilhões este ano para US\$ 6,5 bilhões no próximo ano. Ao mesmo tempo, as exportações de gasoli-

na e outros derivados gerados pela estrutura de refino nacional deverão atingir o montante de US\$ 1,3 bilhão.

A queda das importações de petróleo e a contenção das importações do setor público permitirão, segundo o programa, uma significativa margem de crescimento das importações do setor privado. As importações globais do setor público, excluindo trigo e petróleo, serão limitadas a US\$ 1,8 bilhão, o que significa crescimento zero sobre este ano e queda de 11,7% sobre 1982. As importações do setor privado, por sua vez, poderão crescer 24,1% em 84. As compras de trigo serão mantidas em US\$ 600 milhões.

Política cambial

Para permitir o saldo comercial de US\$ 9 bilhões e a redução do déficit em transações correntes para US\$ 6 bilhões, o governo destaca a importância da manutenção da política cambial, de forma a assegurar a competitividade das exportações e inibir "de forma adequada" as importações. O governo considera que "o impacto da atual política de taxa de câmbio é evidente no crescimento substancial do superávit comercial. Assim, a manutenção da política de desvalorizar o cruzeiro em proporção equivalente à inflação interna é fundamental".

Recessão

Os efeitos resultantes da restrição do balanço de pagamentos, da elevação das taxas de juros e das

altas taxas da inflação, destaca o programa, ainda se farão sentir em 84. Por isso, o governo calcula que o Produto Interno Bruto (a soma do valor de todos os bens e serviços gerados no País) em 84 terá um crescimento negativo de 2,5%, obviamente em consequência da estratégia recessiva adotada deliberadamente. Dados projetados indicam que o PIB em 84 atingi-

rá Cr\$ 239 trilhões contra Cr\$ 126,4 trilhões este ano. O programa de ajuste considera que haverá crescimento em setores prioritários: espera, por exemplo, um crescimento de 4,5% na agricultura, embora o PIB previsto para este setor fosse de 6,5% já este ano. A produção de álcool carburante deve crescer 24%, e a produção do carvão energético, 12,5%.

Dívida externa

O programa de ajuste projeta também uma redução no crescimento da dívida externa: ao final de 83, a dívida atinge US\$ 91,9 bilhões e em dezembro de 84 chega a US\$ 100,8 bilhões. A taxa de crescimento atinge 10,4% este ano e 9,7% em 1984, contra 15,8% em 1982. Ainda assim será bem maior do que a evolução originalmente prevista, de 6% este ano e 5% em 84.

Juros

O Brasil estima que pagará US\$ 10,8 bilhões de juros em 84. Mas, mesmo que as taxas de juros internacionais não se elevem, esse número já está totalmente errado, de acordo com técnicos do próprio Ministério da Fazenda. O Brasil deve pagar no mínimo US\$ 13 bilhões de juros e pretende conseguir pagar isso com o saldo comercial de US\$ 9 bilhões e mais o que entrar de recursos novos. Ou seja, os banqueiros vão emprestar ao Brasil para que o País possa pagar os juros que lhes deve.

Recursos

Para 1984, o Brasil necessitará de US\$ 5,2 bilhões de recursos novos, calcula o programa de ajustamento. Estimativas do FMI indicam que o País precisará, em 84, de US\$ 12,4 bilhões e, até agora, só conseguiu US\$ 7,2 bilhões. Mas está sendo negociado o pacote de US\$ 6,5 bilhões, dos quais US\$ 3 bilhões serão liberados para fechar o balanço de pagamentos deste ano. Assim, sobram US\$ 3,5 bilhões e o País terá mais US\$ 2,5 bilhões das linhas de financiamentos por parte de instituições financeiras oficiais — Eximbank, dos EUA e Japão, Cofece, da França, e Hermes, da Alemanha. Ainda assim ninguém duvida, mesmo dentro do governo, de que ainda no primeiro semestre de 84 o Brasil estará novamente vivendo sob asfixia cambial.

Dívida Externa Total
US\$ Milhões

Discriminação	1982	1983(3)	1984 (3)
Total	83,265	91,913	100,813
1. Registrada	70,198 (1)	83,457	92,857
2. Não-registrada	13,067	8,456	7,956
Operações tradicionais (2)	9,352	8,456	7,956
Operações especiais	3,715	-	-
Bridges de Bancos	2,339	-	-
Tesouro Americano	876	-	-
BIS	500	-	-

(1) Inclui US\$ 544 milhões de empréstimos compensatórios do FMI.

(2) Inclui linhas de crédito da Petrobrás e outras empresas e obrigações de bancos comerciais.

(3) Estimativa.

Importação por Setor
US\$ bilhões

ITEM	1982	1983 (1)	1984 (1)	% 83/82	Var. 84/83
Total	19,4	16,0	16,0	-17,5	0,0
1. Petróleo Bruto e derivados	10,1	8,2	6,9	-18,8	-15,8
2. Trigo	0,8	0,6	0,6	-25,0	0,0
3. Total exclusiva (trigo, Petróleo bruto e derivados)	8,5	7,2	8,5	-15,3	18,1
3.1 Setor público	2,3	1,8	1,8	-11,7	0,0
3.2 Setor privado	6,2	5,4	6,7	-12,9	24,1

(1) Estimativa.

Nas tabelas, a situação do balanço de pagamentos do Brasil em 84, ainda difícil.